Capítulo XXVI — Recompensa do bom Ladrão

> **Sumário.** Delicioso mistério cumprido em sua alma. Sente-se perdoado. — Está assegurado de perseverar. Assegurado de possuir uma glória sem mancha, uma felicidade sem mistura e sem fim. Antegosto dessa felicidade. — Admiração de são Bernardo. — Hora misteriosa em que lhe foi prometido o paraíso. — Que paraíso é esse. — Explicação de santo Agostinho e de santo Tomás. — Entrou primeiro no paraíso?

Dimas fizera o que deve fazer todo pecador penitente. Tinha entrado em si mesmo, arrependera-se, confessara-se, voltara-se para Deus, a quem por tanto tempo ofendera. Tudo isso fizera com completa sinceridade e com coragem heroica. Logo a misericórdia, não achando mais obstáculos, entra em sua alma, como a luz no aposento aberto a seus raios. Não é bastante: a misericórdia lança-se sobre ele como a abelha sobre a flor; como a mais terna mãe sobre o filho de seu amor, perdido havia muito tempo.

Que dizer para dar ideia desse delicioso mistério? Um grande criminoso é condenado à morte. Está só no fundo de um negro calabouço, atado pelos pés e pelas mãos. Toda a sua vida de iniquidades se ergue diante dele. Antes que suba ao cadafalso, dois carrascos o torturam: no passado, o remorso; no futuro, a vista do suplício.

Enfim, um ruído insólito fere-lhe os ouvidos: é o carcereiro que vem, com as suas grossas chaves, abrir a porta do calabouço aos agentes da justiça. O culpado é levado. Mais algumas horas, e terá sofrido morte vergonhosa e cruel. Em meio aos fúnebres preparativos, o rei chega e lhe diz: Estais perdoado. Diga quem puder a impressão de felicidade que essa palavra produziria no infeliz condenado.

Mil vezes maior foi a felicidade de Dimas quando ouviu o Salvador dizer-lhe: *«Em verdade te digo: Que hoje serás comigo no paraíso.»* Para prová-lo, basta explicar o sentido dessas inefáveis palavras. Significam primeiro: estás perdoado.

> *Estou perdoado! É possível? Eu, envelhecido no crime, eu, justamente condenado ao mais infame dos suplícios, eu, cuja alma é mais negra que o carvão, eu, o horror de meus semelhantes, eu, votado ao inferno, estou*

> *perdoado! sou amigo de Deus! Sim, sinto-o, estou perdoado! Nenhum peso esmagador sobre a minha consciência; nenhum remorso: uma paz desconhecida inunda a minha alma, embriaga-a, põe-na fora de si.*

Compreende-se, com efeito, que uma tal palavra, saída de tal boca e dirigida a um homem como Dimas, era capaz de fazê-lo morrer.

Dimas está perdoado, mas a sua felicidade durará sempre? Não tem motivo para temer perdê-la, recaindo no mal? Não. Assegurado de seu perdão, o bem-aventurado convertido não o está menos de sua perseverança. Tem por penhor a palavra infalível, que digo? o juramento, e o juramento solene de seu Redentor.

> *A palavra amém — dizem os santos doutores — é o juramento de Deus. Empregando-a com o bom Ladrão, Nosso Senhor lhe dá a inabalável segurança de que perseverará até a morte na fé, na esperança, na sinceridade de seu arrependimento. Não é tudo; como se o bom Mestre tivesse receado que o seu querido Dimas conservasse um resto de inquietação, repete essa palavra solene: amém, amém, em verdade, em verdade, eu to digo.*[1]

Esquecimento do passado, segurança para o futuro: imensos favores! Não são, contudo, senão um primeiro benefício da misericórdia para com o bom Ladrão e uma pequena parte de sua recompensa: vejamos o resto. Se, não contente em conceder a sua graça ao criminoso de que falamos, o rei tivesse acrescentado: Hoje mesmo vos levo comigo à corte. Doravante partilhareis a minha glória, o meu poder e as minhas felicidades.

A língua humana, convir-se-á, seria impotente para exprimir as emoções de um homem trazido subitamente das portas da morte à vida em todos os seus esplendores e, do fundo de um calabouço, subindo ao trono. Maior é a sua impotência para exprimir os sentimentos de Dimas quando ouviu o Rei dos reis dizer-lhe: Em verdade, em verdade, eu to digo: hoje estarás comigo no Paraíso.

O que se pode afirmar, com um de seus panegiristas, é que o anúncio de tal felicidade absorveu o sentimento do sofrimento: *Latro plagarum immemor, dilectione dilatatur* (*«O ladrão, esquecido das chagas, dilata-se de amor»*).[2] Precursor de outro grande convertido, Dimas pode dizer como são Paulo: *«exuberão de gozo em toda a nossa tribulação.»*[3] Precursor dos mártires, experimentou o que eles experimentaram.

Em meio aos mais cruéis tormentos, viram-nos, ébrios de felicidade, cantar nos cavaletes, rir sob as rodas e, com os pés sobre brasas ardentes, dizer aos juízes: *«Nunca estivemos em tão alegre festa: nunquam tam jucunde epulati sumus.»*[4] Essa presença simultânea da dor e da alegria é claramente explicada por santo Tomás.[5]

Fazê-lo feliz em meio a seus sofrimentos não é tudo o que o Salvador promete a seu amado Dimas. Promete-lhe a felicidade sem mistura; e isso não dentro de um ano, de um mês, mas para o próprio dia. Os Padres da Igreja estão em êxtase diante dos tesouros de ternura escondidos nessas divinas palavras. Em nome de todos, escutemos santo Agostinho e um contemporâneo de são Bernardo.

O primeiro exprime-se assim:

> *Lembrai-vos de mim — diz o bom Ladrão —, não agora, mas quando tiverdes entrado em vosso reino. Cometi tantos crimes que não posso esperar pronto repouso; que os meus tormentos se prolonguem até a vossa chegada, não é demais. Quando tiverdes entrado em vossa glória, então me perdoareis. Diferia a sua felicidade, mas o Salvador lhe oferecia o Paraíso, que não ousava pedir.*[6]

Eis as palavras do segundo:

> *Em verdade te digo: Que hoje serás comigo no paraíso. Quem, vós? Vós que me confessastes nos tormentos da cruz, estareis comigo nas delícias do Paraíso. Comigo, diz! Admirável bondade: não diz simplesmente: Estareis no Paraíso; ou: Estareis com os anjos; mas: comigo. Ficareis saciado vendo aquele que desejais; vereis em sua majestade aquele que confessais na enfermidade. Não faço esperar o que prometo; é hoje mesmo que estareis comigo.*

> *O verdadeiramente bom e doce Jesus escuta logo, promete logo, dá logo. Quem, pois, pode desesperar de um Deus tão fácil em escutar, tão pronto em prometer, tão exato em dar? E nós também, que conhecemos a doçura de vosso nome, esperamos em vós; pois nunca abandonais os que vos buscam.*[7]

Tal é a pressa do Salvador em introduzir no céu o seu amado que passa por cima de todas as regras de seu governo. Ele mesmo estabeleceu são Pedro porteiro da bem-aventurada Jerusalém: a ele só o direito de abrir-lhe as portas. Na circunstância de que falamos, Nosso Senhor volta atrás na ordem que estabeleceu, toma as chaves e, sem consultar o porteiro, abre ele mesmo o seu reino a seu fiel companheiro. Tal é o engenhoso pensamento de Arnaldo de Chartres.

> *Não vos zangueis — diz a são Pedro —, vós, chefe dos apóstolos e porteiro do céu. Não vos vejo ao pé da cruz, o temor vos mantém escondido, não tendes sequer a coragem de acompanhar a Mãe de vosso Mestre nem as santas mulheres, que permanecem intrépidas ao pé da cruz.*

> *Não fazeis uso de vossa autoridade apostólica de ligar e desligar. Enquanto, pregados às suas cruzes, o Salvador e o pecador conversam, estais ausente; e, permiti que o diga, negligenciais o vosso ofício de porteiro. O soberano Sacerdote vos supre, abre as antigas fechaduras; e o Ladrão, primícias dos desesperados, introduzido pelo Senhor em pessoa no reino dos céus, é posto no próprio trono de Lúcifer. E aquele a quem talvez não tivésseis perdoado mais de sete vezes, embora culpado mais de setenta vezes sete, é absolvido pelo bom Jesus e reina com os anjos.*

> *Retomai as vossas funções e aprendei a perdoar. Não conteis nem o número nem a duração dos pecados. A clemência divina não conhece limites; não é circunscrita pelo número nem limitada pelo tempo. Que haja alguém que implore, e haverá alguém que atenda; que haja alguém que se arrependa, e haverá alguém que perdoe. Notai a hora, é a última; vede a pessoa, é um grande culpado. Pecados enormes, pecados numerosos, pecados antigos desaparecem num piscar de olhos sob a ação da graça, e desaparecem tão bem que não resta nenhum vestígio de mancha nessa alma, lavada pelo batismo da misericórdia.*

> *Modelo de arrependimento, exemplo de esperança, pregador da misericórdia, o ladrão do Calvário arrepende-se; e logo o que procura, encontra; o que pede, recebe. Para ele, nenhuma chama expiatória. Parte para o paraíso, mensageiro de nosso perdão, primícias e testemunha de nossa libertação, e nele entra o primeiro, entre os aplausos dos coros angélicos: Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso.*[8]

Em que momento preciso foi pronunciada essa palavra, a mais doce que possa ressoar a ouvido humano? Já o dissemos: nas menores circunstâncias da paixão do Redentor do mundo, tudo é mistério. Estudando-as com o facho da tradição, os santos doutores nelas descobrem admiráveis harmonias. A palavra que abria o céu ao bom Ladrão, e na sua pessoa a todo o gênero humano, foi pronunciada precisamente ao meio-dia. Por quê? Porque é precisamente ao meio-dia que o velho Adão foi expulso do Paraíso, cuja porta permaneceu fechada até a morte do novo Adão. Daí vem que a hora do meio-dia sempre foi, entre os cristãos, uma hora santa.[9]

Escutemos algumas dessas grandes inteligências. Rezamos ao meio-dia porque é a hora em que o Filho de Deus foi elevado em cruz. Criado à sexta hora do dia, Adão pecou à sexta hora. Por isso a reparação se deu na mesma hora da queda. Mostrando em figura aos antigos patriarcas a sua pessoa e a sua Igreja, o Desejado das nações faz-se ver à hora do meio-dia a Abraão, sob o carvalho de Mambré.

Era meio-dia quando José comeu com seus irmãos, que depois o desceram à cisterna vazia. É à hora do meio-dia que a admirável Rute, bela figura da Igreja, se aproximou de Booz em seu campo, como a Igreja de Nosso Senhor; que se tornou sua esposa e foi nutrida de seus bens. É à hora do meio-dia que a Samaritana, figura da Igreja dos gentios, encontrou o Redentor, sentado ao poço de Jacó.

É por causa de Adão e para reparar a sua falta, no mesmo dia e na mesma hora em que fora cometida, que Nosso Senhor subiu à cruz à sexta hora, na sexta idade do mundo, na sexta hora do mesmo milênio e da sexta semana, enfim na sexta hora do sexto dia. Tudo isso era misteriosamente anunciado pelo sexto dia da criação, que durou seis dias.[10]

Mas qual é o paraíso de que o bom Ladrão foi posto na posse, no mesmo dia de sua morte? É certo que, nesse dia, Nosso Senhor não subiu ao céu com o bom Ladrão, mas desceu aos Limbos para, como diz são Pedro, anunciar a sua libertação às almas dos justos. A alma do bom Ladrão desceu com ele e, como a dos outros justos, gozou da visão beatífica. Ora, a visão beatífica constitui a perfeita felicidade ou o paraíso.

> *Livra-se de toda ambiguidade — diz santo Agostinho — o sentido das palavras de Nosso Senhor se as entendermos de Nosso Senhor não como homem, mas como Deus. Com efeito, como homem, o Cristo devia estar nesse dia, quanto ao corpo, no sepulcro; e, quanto à alma, nos infernos. Mas, como Deus, está sempre em toda parte. Em qualquer lugar que esteja o paraíso, todos os bem-aventurados ali estão desde que estão com Aquele que está em toda parte.*[11]

Santo Tomás fala como santo Agostinho.

> *Logo depois de sua morte, Nosso Senhor desceu aos infernos e libertou os santos que ali se achavam, não tirando-os na mesma hora, mas iluminando-os com os raios de sua glória. E era conveniente que a sua alma permanecesse nos infernos enquanto o seu corpo devia permanecer no sepulcro.*

> *A palavra do Senhor ao bom Ladrão: Hoje estarás comigo no Paraíso, deve, pois, entender-se não de um paraíso terrestre e corporal, mas de um paraíso espiritual, em que estão todos os que gozam da glória divina. Assim, quanto ao lugar, o bom Ladrão desceu aos infernos com Nosso Senhor, para verificar-se a palavra: Hoje estarás comigo no Paraíso; mas, quanto à recompensa, esteve no Paraíso, porque ali gozou da visão beatífica como os outros santos.*[12]

Mas gozou dela primeiro, antes de todos os patriarcas, os profetas, os antigos justos que estavam nos Limbos? Santo Agostinho, são Crisóstomo, são Eulógio e ainda outros Padres parecem crê-lo; pois dizem que o bom Ladrão entrou primeiro no céu.[13]

Se as palavras desses grandes doutores devem ser tomadas à letra, é preciso concluir que o bom Ladrão gozou da visão beatífica no momento mesmo em que Nosso Senhor lhe disse: Hoje estarás comigo no Paraíso; de outro modo, só dela teria gozado depois dos habitantes dos limbos. Com efeito, tendo Nosso Senhor morrido antes do bom Ladrão, a sua alma desceu aos Limbos antes da de Dimas e ali levou o céu ou a visão beatífica.

Seja como for, mal expirou, o bom ladrão vê-se em posse, e em posse eterna, de uma felicidade de que o olho do homem não viu a mais leve sombra em todas as felicidades da terra, de que as mais magníficas narrações não saberiam levar-lhe ao ouvido a menor ideia e que supera tudo o que o seu coração pode desejar de maior em poder, em beleza, em doçura e em glória.

Será essa toda a recompensa do bem-aventurado Dimas? Veremo-lo no capítulo seguinte.

Notas

[1] *Quale est Domini Dei nostri dicere, amen, amen, dico vobis? multum commendat quod ita pronuntiat; quodammodo, si dici fas est, juratio ejus est... amen quippe interpretatur verum.* («Que quer dizer o Senhor nosso Deus ao dizer: amém, amém, digo-vos? Muito recomenda o que assim pronuncia; de algum modo, se é lícito dizê-lo, é o seu juramento... *amém*, com efeito, interpreta-se: verdade.») S. Agostinho, *in Joan.*, Trat. XLI, n.º 3. — *Amen asseverat firmissime, quod perseveret latro ad mortem usque constanter in ea, quam conceperat fide, spe, pœnitentia.* («Amém assevera firmissimamente que o ladrão perseverará constantemente até a morte na fé, na esperança e na penitência que concebera.») Lucas de Burgos, *in Luc.*, cap. VII. — *Amen autem confirmationis verbum evidenter ostenditur in evangelio, ubi Dominus, confirmans sermonem suum, dicit: Amen. Major autem est vis, ubi repetitus est sermo, sicut scriptum est: Amen, amen dico tibi: hodie mecum eris in Paradiso.* («A palavra *amém*, de confirmação, é evidentemente mostrada no evangelho, onde o Senhor, confirmando o seu discurso, diz: Amém. Maior é, porém, a força onde o discurso é repetido, como está escrito: Amém, amém, digo-te: hoje estarás comigo no Paraíso.») S. Ambrósio, *in ps.* XL. — Vê-se que as antigas edições do texto sagrado traziam a repetição da palavra *amém*.

[2] Arnaldo de Chartres, *De sept. verb.*

[3] *Superabundo gaudio in omni tribulatione nostra.* («exuberão de gozo em toda a nossa tribulação.») 2 Cor 7, 4.

[4] *Act. SS. Mar. et Marc.* («Atos dos santos Marcelino e Marcos.»)

[5] III, q. 46, art. 8, ad 1.

[6] Em Navarino, *in Luc.*, XXIII, 287.

[7] *Mira benignitas! Non dicit simpliciter: Eris in paradiso; vel cum angelis eris; sed Mecum eris. Bonus vere et dulcis Jesus, cito exaudit, cito promittit, cito dat.* («Admirável benignidade! Não diz simplesmente: Estarás no paraíso; ou: Estarás com os anjos; mas: Comigo estarás. Verdadeiramente bom e doce Jesus: logo ouve, logo promete, logo dá.») *Vitis Myst.*, cap. IX, entre as *Opp. S. Bernard.*

[8] Arnaldo de Chartres, na *Bibl. Max. PP.*, t. XXIII, parte 4, p. 1266.

[9] *Notanter advertendum esse, quod eodem tempore, atque hora, qua Adam juste de paradiso ejicitur, latroni misericorditer aperitur.* («Deve-se advertir notadamente que no mesmo tempo e na mesma hora em que Adão é justamente expulso do paraíso, abre-se misericordiosamente ao ladrão.») Alexandre de Hales, *Sup. Luc.*, XXIII, 51.

[10] Ver Durando, *De Ritib. Eccl. cath.*, liv. III, cap. IX, p. 770 e segs.

[11] *Est autem sensus multo expeditior.... Si non secundum id quod homo erat, sed secundum id quod Deus erat, Christus dixisse accipiatur, Hodie mecum eris in Paradiso. Homo quippe Christus illo die secundum carnem in sepulcro, secundum animam in inferno futurus erat: Deus vero idem ipse Christus ubique semper est... Ubicumque ergo sit Paradisus, quisquis beatorum ibi est, cum illo ibi est, qui ubique est.* («O sentido, porém, é muito mais desembaraçado... se se entender que Cristo disse isso não segundo o que era como homem, mas segundo o que era como Deus: Hoje estarás comigo no Paraíso. Cristo homem, com efeito, naquele dia estaria, segundo a carne, no sepulcro, segundo a alma, no inferno; Cristo Deus, porém, esse mesmo, está sempre em toda parte... Onde quer que esteja, pois, o Paraíso, qualquer dos bem-aventurados que ali está, está com aquele que está em toda parte.») *Epist. ad Dardan.*, n.º 7, *Opp.*, t. II, p. 1020.

[12] *Christus statim ad infernum descendens, sanctos ibi existentes liberavit, non quidem statim educendo eos de loco inferni, sed in ipso inferno eos luce gloriæ illustrando. Et tamen conveniens fuit, ut tamdiu anima ejus remaneret in inferno, quamdiu corpus manebat in sepulcro... Illud verbum Domini est intelligendum non de paradiso terrestri corporeo, sed de paradiso spirituali, in quo esse dicuntur quicumque divina gloria perfruuntur. Unde Latro loco quidem cum Christo ad infernum descendit, ut cum Christo esset, quia dictum est ei: Mecum eris in Paradiso; sed præmio in paradiso fuit, quia ibi divinitate Christi fruebatur, sicut et alii sancti.* («Cristo, descendendo logo ao inferno, libertou os santos que ali estavam, não tirando-os logo do lugar do inferno, mas iluminando-os no próprio inferno com a luz da glória. E contudo convinha que a sua alma permanecesse no inferno tanto tempo quanto o corpo permanecia no sepulcro... Aquela palavra do Senhor deve entender-se não do paraíso terrestre corpóreo, mas do paraíso espiritual, em que se diz estarem quantos gozam da glória divina. Assim, o ladrão, quanto ao lugar, desceu com Cristo ao inferno, para estar com Cristo, porque lhe foi dito: Comigo estarás no Paraíso; mas, quanto ao prêmio, esteve no paraíso, porque ali fruía da divindade de Cristo, como os outros santos.») III, q. 52, art. 4, ad 1 e 3.

[13] *Post passionem Christi latro primus intravit.* («Depois da paixão de Cristo, o ladrão entrou primeiro.») S. Agostinho, Serm. *de divers.*, 304, p. 1857, n.º 1, *Opp.*, t. V, edição Gaume. — *Quem Dominus noster non erubuit primum inducere in Paradisum.* («Que o Senhor nosso não se envergonhou de introduzir primeiro no Paraíso.») S. Crisóstomo, *De Cruce et Latr.*, n.º 2. — *Dignus*

comitatu Redemptoris, primus Paradisi possessor habetur. («Digno da companhia do Redentor, é tido por primeiro possuidor do Paraíso.») S. Eulógio, *Apologet. martyr. Cordubens.*

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:27 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:27 by Admin